

ROTEIRO FORMATIVO

CASA COMUM

CUIDAR DE SI, DO OUTRO E DO PLANETA

Nº. **13**

JUL/AGO/SET 2025

TRILHA DE SABERES



Já está em suas mãos o **“Roteiro formativo – Trilha de Saberes”** da **13ª edição da Revista Casa Comum**, uma publicação de iniciativa do Sefras – Ação Social Franciscana em parceria com importantes atores, como organizações, movimentos e redes do campo dos direitos humanos e ambientais. Além da versão impressa, o projeto se desenvolve regularmente em ambiente digital e nas redes.

A cada edição, a Revista Casa Comum traz à tona uma série de conteúdos que buscam ampliar a compreensão de diferentes públicos sobre as pautas de direitos fundamentais, bem como gerar

e produzir conhecimento, possibilitando uma formação permanente para quem atua e para quem quer atuar nessas agendas.

Assim, este roteiro se propõe a apresentar uma sugestão de Trilha de Saberes para que educadores e educadoras, ou seja, todos e todas que promovem atividades com grupos, coletivos, movimentos, espaços escolares etc. possam explorar todo o conteúdo da Revista em momentos de encontros, rodas de conversa e formações, incentivando a reflexão e o engajamento de cidadãos e cidadãs em iniciativas de transformação social.

O que compõe a Trilha de Saberes

A Trilha é formada por um ponto de partida, que traz o tema norte e a base conceitual, além de três encontros, que percorrem um caminho educativo que visa:

1. Conhecer o tema;
2. Refletir; e
3. Agir.



Acesse outros conteúdos em:
revistacasacomum.com.br



Casa: território de direitos e sentidos

“O céu é meu pai, a terra é minha mãe e o mundo inteiro é tipo a minha casa”, canta o rapper Emicida.

Nosso corpo é o primeiro lugar onde habitamos o mundo. Nele se inscrevem nossos afetos, limites, memórias, marcas e potências. É o corpo que sonha, sente, luta e que guarda histórias que, muitas vezes, a sociedade não escutou. A casa, por sua vez, é a extensão desse corpo no espaço coletivo. No qual desejamos que seja abrigo e fronteira, local de descanso e de afeto. Como nos traz a escritora, curadora e arquiteta Joice Berth: *“Uma casa é o corpo da gente no mundo”* (2020).

Assim como o corpo, a casa também fala, mesmo quando o silêncio se impõe. Fala sobre quem somos, de onde viemos, o que herdamos e o que projetamos para viver em comunidade. Ambos, corpo e casa, são lugares que nos constituem como sujeitos no mundo. E quando essa conexão se rompe, quando a moradia se torna insegura, invisibilizada ou negada, deixamos de compreender plenamente a nós mesmos e a sociedade que criamos.

Esse sentimento está presente no livro *Pertencimento: uma cultura de lugar*, da escritora bell hooks. Para ela, pertencer não é apenas ocupar um espaço físico, mas construir uma relação profunda com o lugar, que envolve memória, história, identidade e cuidado. Ela narra suas vivências no campo, na infância e na vida adulta, refletindo sobre quando precisou sair de sua cidade e sentiu-se sem conexão com os novos lugares ou mesmo enfrentando o racismo.

E, como o retorno à sensação de pertencer, no vínculo com a ancestralidade e comunidade, são caminhos de cura e de reconstrução do sentido de lar, como espaço físico e de política de cuidado com a terra e com os outros. bell hooks apresenta que habitar é também lutar, e que pertencimento se cultiva. Como uma casa, erguida aos poucos, em mutirão, no coletivo.

Assim, o direito à moradia digna não é apenas o direito de ocupar um teto, mas de afirmar uma existência, de partilhar dignidades e de pertencer. Morar é um ato político. É a costura entre o individual e o coletivo, entre o corpo que ocupa e o território que acolhe ou expulsa. É nesse entrelaçamento que se revelam desigualdades e, também, resistência e pertencimentos. Quando entendemos que casa e corpo são territórios vivos, percebemos que o direito à moradia é inseparável do direito à memória, à ancestralidade, à cidade e à dignidade.

Maura Cristina, ativista do movimento negro e coordenadora estadual do Movimento Sem-Teto da Bahia, em entrevista para a série de podcasts *Bem viver nas cidades*, nos traz que: *“A moradia é o início de uma outra luta: é direito à educação, à alimentação, à saúde, a transporte.”* (9’11” a 9’30”). E complementa que, na grande maioria das vezes, são as mulheres que buscam os direitos para ter um lar do qual se orgulham. E, para participar da luta pela moradia, Maura afirma que é essencial a formação política, que promove conhecimento e liberta para a busca pelos direitos:

“Nós mesmos, das nossas organizações, entendemos que sem formação política nós não podemos nem fazer ocupação, que não faz o menor sentido você fazer uma ocupação e se sentir culpado. [...] então você tira dessa companhia, o estigma de que ela está fazendo algo errado [...] e está na Constituição Federal, no artigo sexto, que moradia é direito. Ninguém pode e deve morar na rua. Moradia é direito, é dever do Estado. E, quando há esse entendimento, você vê uma transformação dentro das pessoas. É daí que vem e se tornam mulheres (se já são lóbas, né?), elas se tornam realmente muito fortes. E é isso que a gente promove entre nós” (11’48” a 13’02”).

Moradia é direito, portanto, fundamental. E não é por acaso que a Campanha da Fraternidade de 2026, uma iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e parceira da Revista Casa Comum nesta edição especial, apresenta como temática principal: *“Fraternidade e moradia”,* ressaltando a moradia digna como prioridade, junto aos demais bens e serviços essenciais, a toda a população.

Por isso, educar para a moradia é



educar para o reconhecimento desses territórios de existência. É convidar cada pessoa a escutar os silêncios, a nomear as ausências e a plantar, com os saberes e práticas do cotidiano, novas possibilidades de habitar o mundo com cuidado, com justiça e pertencimento.

A Encíclica *Laudato Si’*, do Papa Francisco, afirma que *“não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise*



Referências citadas no texto:

- BERTH, Joice. **Casa e corpo, lugares objetivos e subjetivos de existência.** In: Museu de Arte do Rio. Casa Carioca. Catálogo. 2020. Disponível em: bit.ly/RCC_13_049
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988.** Disponível em: bit.ly/RCC_13_015
- EMICIDA. Casa. In: LACE. [S.l.]: Laboratório Fantasma, 2017. 1 CD (42 min). Disponível em: bit.ly/RCC_13_050
- GUILHOTINA e LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Série “Bem viver nas cidades: lutas por direitos e movimentos populares urbanos”. Episódio #2 Gênero e Raça.** (podcast). Entrevista com Maura Cristina. Fevereiro de 2025. Disponível em: bit.ly/RCC_13_051
- HOOKS, bell. *Pertencimento: uma cultura do lugar.* São Paulo: Elefante, 2022.
- MUSEU DA PESSOA. **Moradia para todos.** História de vida. 1 mar. 2010. Disponível em: bit.ly/RCC_13_052
- PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si’.* Disponível em: bit.ly/RCC_13_053

ENCONTRO 01: 01 CONHECER

socioambiental” (§139). O cuidado da Casa Comum é também o cuidado com as moradas concretas de cada povo. Assim como ecologia integral (já abordada nas edições anteriores da Revista Casa Comum) exige que cuidemos das relações consigo, com o outro, com a terra, podemos começar onde os pés pisam: no chão da casa, na calçada do bairro e no quintal de terra batida que acolhe as nossas histórias, para cuidar do todo.



Para ler, para ver e para ouvir:

Convidamos você, educador(a), para, antes de iniciar a Trilha de Saberes:

- Ouvir a série de podcasts “*Bem viver nas cidades: lutas por direitos e movimentos populares urbanos*”, parceria do Guilhotina, do Le Monde Diplomatique Brasil, com a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese). São três episódios disponíveis em: bit.ly/RCC_13_054
- Acessar a coleção especial “*Moradia, um direito humano universal*”, produzida pelo Museu da Pessoa. Disponível em: bit.ly/RCC_13_055
- Ler o editorial da 13ª edição da Revista Casa Comum.
- Ler o texto base da Campanha da Fraternidade 2026 (a partir de setembro de 2025). Disponível em: bit.ly/RCC_13_056
- Ler o livro “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*”, de Carolina Maria de Jesus. Disponível em: bit.ly/RCC_13_057

Preparação do encontro: O que você precisa antecipar

Prepare uma sala com projetor ou que tenha internet disponível para que os(as) participantes possam ver ou acessar os vídeos apresentados, caso seja possível.

Organize todos os textos selecionados da Revista Casa Comum, para compartilhar com o grupo, que são indicados na Trilha.

Separe as músicas “*Despejo*”, de Graciela Soares (disponível em: bit.ly/RCC_13_058) e “*Saudosa Maloca*”, de Adoniran Barbosa (disponível em: bit.ly/RCC_13_059)

Separe a entrevista de Maria José da Silva, registrada pelo Museu da Pessoa. Disponível em: bit.ly/RCC_13_060

Separe o texto “*Hábitos de Amor*”, de bell hooks, que faz parte do livro *Pertencimento: uma cultura do lugar*. Disponível em: bit.ly/RCC_13_061

Separe as imagens do Retrato Brasil da 13ª edição da Revista Casa Comum. Caso você não tenha a revista impressa, basta acessar diretamente na plataforma: bit.ly/RCC_RetratoBrasil

Organize, da forma que achar interessante, os conteúdos do texto “Ponto de partida” para compartilhar com o grupo no encontro.

Organize os materiais: cartões coloridos para anotações, cartolinas, folhas de papel, canetinhas, canetas e/ou lápis, fita crepe, barbantes, fitas coloridas, fita crepe de cores variadas, papel kraft etc.

Passo a passo

1. Abertura do encontro

Faça o acolhimento de boas-vindas dos(as) participantes anunciando que o tema *Casa: território de direitos e sentidos* será o caminho das construções e aprendizados conjuntos que acontecerão nos encontros desta Trilha, tratando do cuidado a partir da busca pela moradia digna, pertencimento e justiça.

Aquecimento

Inicie o encontro lendo ou pedindo para que algum(a) dos(as) participantes leia um trecho do texto “*Hábitos de Amor*”, de bell hooks, que faz parte do livro *Pertencimento: uma cultura do lugar*:

Por toda a vida, procurei um lugar de pertencimento, um lugar para ser o meu lar. [...] O lar era um lugar seguro, onde não haveria dor. Era um lugar para curar as feridas. O lar era o lugar onde eu tinha importância.

A partir dessa leitura, peça para que os(as) participantes desenhem uma casa utilizando folhas de papel e canetas coloridas. Após alguns minutos, faça estas perguntas como caminho de leitura da imagem produzida:

- Qual é a casa desenhada por vocês? É a casa onde moram? Ou a casa da imaginação da infância? É a casa afetiva? A casa que aprenderam a desenhar quando crianças? É a casa que desejam ter?
- Quais são os elementos que compõem essa casa? Tem telhado, janela, chaminé? Tem detalhes como figuras e flores?

- Vocês desenharam algo ao redor da casa? Esse entorno parece com o entorno da casa onde vivem? etc.

Convide os(as) participantes para que se apresentem dizendo seu nome e contando sobre a casa que desenharam e seus sentidos, a partir da questão: *O que é casa para você?*

Faça uma escuta ativa e sensível e encerre esse aquecimento comentando brevemente como a percepção do que compreendemos como casa é maior do que um simples espaço físico.

2. Roda de conversa



1º momento

Considerando o perfil do grupo, escolha entre as músicas “Despejo”, de Graciela Soares, ou “Saudosa Maloca”, de Adoniran Barbosa, que são canções que mesclam o lúdico com a crítica social. Convide a todos(as) a permanecerem de olhos fechados e perceberem o que a(s) música(s) desperta(m) de sentimentos.

2º momento

Peça para os(as) participantes formarem grupos e distribua os textos da 13ª edição da Revista Casa Comum indicados abaixo, um para cada grupo (você pode escolher apenas um dos textos para todos os grupos, se achar melhor para o contexto local).

EM DESTAQUE

Moradia ainda é vista como mercadoria e não como direito no Brasil (p.4)

RAIO-X

O desafio da habitação digna no Brasil: tem gênero e raça (p.22)

PAPO RETO

A cidade é planejada de forma racista, para concentrar renda e excluir, analisa Raquel Rolnik (p.17)

Oriente cada grupo a fazer a leitura do texto e debater sobre o que foi compreendido. Você, mediador(a), pode trazer as seguintes questões disparadoras para ajudar na conversa:

- Se a moradia é um direito, por que não é garantido como outros direitos, como educação e saúde?
- Na sua região, quem são as pessoas que mais sentem a falta desse direito? É possível verificar um olhar de gênero e raça nessa percepção?
- Como ter um endereço fixo ajuda na garantia dos outros direitos?

Após a conversa inicial, peça para que cada grupo compartilhe o que foi debatido.

Em seguida, para aprofundar o debate a partir de dados da realidade brasileira, convide as pessoas a explorarem algumas ferramentas apresentadas pela Revista Casa Comum, a fim de identificar se há conflitos em seu município/região, se há favelas e comunidades em seus territórios, etc.:

- Mapeamento Nacional de Conflitos pela Terra e Moradia do Brasil: bit.ly/RCC_13_062
- Censo de Favelas e Comunidades Urbanas do IBGE: bit.ly/RCC_13_027
- Painéis interativos sobre déficit habitacional, produzidos pela Fundação João Pinheiro (FJP): bit.ly/RCC_13_063

3. Encerramento

Para finalizar este primeiro encontro, faça a leitura de trechos da entrevista *Moradia para todos*, com Maria José da Silva, pernambucana, moradora de São Paulo, realizada pelo Museu da Pessoa, ou apresente o vídeo. Neste trecho, por exemplo, ela fala sobre ter conquistado a moradia para sua mãe:

“Acho que é o sonho dela realizado, da mesma forma que eu tenho o meu, ela mesma fala que quem realizou esse sonho dela, fui eu, de ter um teto, de ter uma casa, e eu me sinto assim realizada, por mais que eu ainda não tenha a minha, mas eu pude proporcionar a ela uma moradia digna, onde não passe frio, onde hoje ela pode dormir de janela aberta, se quiser, porque dá para fechar, então, é isso.”
(2010, 5'12" a 6'00")

Na sequência, apresente o texto e as fotografias de Osani Silva, que estão no Retrato Brasil (p.52) da 13ª edição da Revista Casa Comum, buscando perceber os detalhes das fachadas de casas do sertão do Rio Grande do Norte, em sua diversidade de cores e detalhes, mantendo elementos comuns que as conectam.

Peça para os(as) participantes compartilharem, em sua visão, a seguinte pergunta: *Para a casa ser moradia e para a moradia ser lar, o que é necessário?*



Preparação do encontro: O que você precisa antecipar

Prepare uma sala com projetor ou que tenha internet disponível para que os(as) participantes possam ver ou acessar os vídeos apresentados, caso seja possível.

Separe o curta-metragem “Eu moro aqui” (Habitat para a Humanidade Brasil, 2024). Disponível em: bit.ly/RCC_13_064.

É necessário fazer um rápido cadastro ou acessar diretamente no YouTube: bit.ly/RCC_13_065

Organize todos os textos selecionados da Revista Casa Comum, para compartilhar com o grupo, que são indicados na Trilha.

Separe as imagens do Retrato Brasil da 13ª edição da Revista Casa Comum. Caso você não tenha a revista impressa, basta acessar diretamente na plataforma: bit.ly/RCC_Retratobrasil

Separe a música “A Casa”, de Vinicius de Moraes. Disponível em: bit.ly/RCC_13_066

Organize os materiais: cartões coloridos para anotações, cartolinas, folhas de papel, canetinhas, canetas e/ou lápis, fita crepe, barbantes, fitas coloridas, fita crepe de cores variadas, papel kraft etc.

Passo a passo

1. Abertura do encontro

Na abertura do segundo encontro, retome o Retrato Brasil, mas agora apresente as fotos de Renato Soares (p. 52) que traz cenas de moradias indígenas como ocas dos povos do Alto Xingu, casas comunais dos Waimiri Atroari, no Amazonas, casas flutuantes dos Magüta (Ticuna), no Amazonas, entre outras.

Inspire uma reflexão inicial com o grupo, sobre o direito à moradia, pensando, de forma conjunta, quais modelos de moradias são possíveis de serem encontrados. Você, mediador(a), pode perguntar: *Como a moradia pode ser também espaço de vida comunitária? Como a comunidade pode ser casa de luta por direitos?*

2. A Revista Casa Comum na prática

2.1. Leitura

Retome os grupos formados no primeiro encontro e reforce, com o grupo, que moradia digna é um direito garantido na Constituição Federal, em seu artigo 6º: *“São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia,*

o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.”

Distribua para os grupos, os textos indicados abaixo da 13ª edição da Revista Casa Comum.

EM PAUTA

Deslocamentos por crises climáticas aumentam e milhões precisam deixar suas casas ao redor do mundo (p.27)

EM PAUTA

Os desafios enfrentados por quilombolas e indígenas para garantir o direito à habitação e consolidação de seus territórios (p.31)

EM PERSPECTIVA

Além da terra: a luta por moradia na Reforma Agrária Popular (p.42)

2. Roda de conversa

Neste momento, instigados pelos textos lidos da Revista Casa Comum, peça para que os grupos apresentem o que debateram. Para a reflexão coletiva, você pode partir das reflexões abaixo, que são destaques ao longo dos textos da Revista Casa Comum, ou selecionar outros trechos que achar relevante (como as aspas do texto *Ponto de Partida*):

Evaniza Rodrigues, assistente social e membro da União Nacional por Moradia Popular (UNMP):

“A moradia é vista como um bem, como patrimônio, uma mercadoria. Qual seria, então, o jeito normal, com todas as aspas na palavra normal, para adquirir moradia? Comprando. Quem tem mais dinheiro, compra uma casa maior. Quem tem acesso a crédito, pega dinheiro no banco ou faz um financiamento. Quem não tem acesso a nenhuma dessas operações, vai ter que ‘se virar’ para morar. As formas precárias de habitação são

resultado desse pensamento. Ao trazer o conceito de moradia como direito, temos que derrubar tudo isso.” (Em Destaque, p.11)

Raquel Rolnik, arquiteta e urbanista:

“Isso é a implicação concreta de você ter um modelo único [de moradia]. E por que esse modelo único? Porque por trás da política habitacional, não estão os interesses das pessoas que precisam morar. Quem historicamente define a política habitacional no país são os interesses da indústria da construção civil, aliados com os interesses da indústria de crédito imobiliário. Essa inversão é absolutamente necessária se a gente quiser construir moradia adequada no país, o que é totalmente possível, sim. Só que, para isso, é preciso romper com esse modelo.” (Papo Reto, p.21)

Em seguida, entregue para cada grupo uma folha grande para elaborarem, com base nas matérias da Revista Casa Comum lidas, um quadro com:

- Situações identificadas de injustiça habitacional vividas ou conhecidas
- Estratégias utilizadas para que o direito à moradia não seja efetivamente garantido
- Formas de resistência e cuidado promovidas pelas comunidades

Caso atue com grupos de crianças e adolescentes, separe o texto do Estação Criança (p.35) – *Como as moradias (ou a falta delas) impactam no dia a dia das crianças e adolescentes?* – e traga como elemento poético a música “A Casa”, de Vinicius de Moraes. Essa música é frequentemente apresentada como ilustração lúdica de uma casa imaginária, mas que pode também ser interpretada como uma casa que, por não existir, fica apenas no desejo da garantia desse direito. Dessa forma, como seria possível materializar a casa com que as crianças sonham, como direito garantido, também previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)?

Com as discussões realizadas, peça para os grupos escolherem um bairro, conjunto de casas, comunidade, favela, ocupação etc. que conheçam, e façam uma análise a partir dos elementos do quadro *"Moradia adequada, segundo a ONU"*, na página 18 do Papo Reto, que traz os sete critérios para que o direito à moradia adequada seja satisfeito:

1. Segurança da posse;
2. Disponibilidade de serviços, materiais, instalações e infraestrutura;
3. Economicidade;
4. Habitabilidade;
5. Acessibilidade;
6. Localização; e
7. Adequação cultural.

3. Encerramento

Para finalizar o encontro, caso haja disponibilidade de internet e equipamento, exiba o curta-metragem *"Eu moro aqui"*. Você pode selecionar um trecho, caso não haja tempo disponível para a exibição completa (tempo total de 35 minutos).

Caso não seja possível, apresente as fotografias de Raul Batista, do Retrato Brasil (p.56). Inspire uma breve rodada de reflexões perguntando: *"Quem são as vozes que habitam a sua cidade?"*

Organize todos os textos selecionados da Revista Casa Comum, para compartilhar com o grupo, que são indicados na Trilha.

Acesse o jogo de tabuleiro *"Jogo da Vida Real"*, produzido pelo Fórum Nacional de Reforma Urbana (FNUR), que ensina às pessoas sobre o direito à cidade de maneira lúdica e conectada a outros direitos humanos. Caso seja possível, você pode imprimir, ou, então, baixar os arquivos e projetar. Disponível em: bit.ly/RCC_13_067

Separe o texto-base da Campanha da Fraternidade de 2026. Disponível em: campanhas.cnbb.org.br

Organize os materiais: cartões coloridos para anotações, cartolinas, folhas de papel, canetinhas, canetas e/ou lápis, fita crepe, barbantes, fitas coloridas, fita crepe de cores variadas, papel kraft etc.

Passo a passo

1. Abertura do encontro

Receba os(as) participantes indicando que, após conhecer e refletir sobre o tema, a proposta agora será construir um caminho de ação. Para isso, convide a todos(as) a jogar o *"Jogo da Vida Real"*, do Fórum Nacional de Reforma Urbana. A ideia, segundo os organizadores, é promover um ambiente educativo e de reflexão sobre como a luta pela garantia e acesso a direitos humanos, como o direito à cidade, é coletivo e não apenas uma questão individual.

2. A Revista Casa Comum na prática

2.1. Inspiração

Distribua e peça para que os(as) participantes leiam as matérias, a fim de visualizar possibilidades de elaboração de propostas.

NA PRÁTICA

A força da coletividade na realização do sonho da casa digna (p.38)

MOBILIZE-SE

Cidadãos podem (e devem) se engajar em iniciativas pelo direito à moradia pelo país (p.44)

CIDADANIA DIGITAL

Cidadania em rede: o papel das ferramentas digitais no acesso a serviços públicos (p.48)

AGENDA DE PRESSÃO

Congresso debate políticas estruturantes para garantir moradia digna e minimização da exclusão urbana de populações vulneráveis (p.50)

2.2. Ação de mobilização

A proposta do "Agir" desta Trilha será descobrir quais lutas por moradia vocês conhecem nos territórios e colaborar, ajudando a desenvolver pequenos planos de ação comunitária em defesa da moradia digna. As possibilidades são muitas, dentro dos contextos e dos exemplos de luta por moradia que aparecem ao longo da Revista Casa Comum. De toda forma, ressaltamos alguns exemplos de ações possíveis, lembrando que, no texto base da Campanha da Fraternidade 2026, também há várias sugestões:

- Criar uma roda de escuta e memória sobre moradia com idosos da comunidade.
- Produzir uma carta pública ou mural com o título: *"O que é uma casa justa?"*
- Promover uma sessão do documentário *"Eu moro aqui"*, seguida de debate local.
- Realizar uma visita a uma ocupação urbana ou indígena para diálogo e solidariedade identificando as demandas e necessidades locais.
- Organizar voluntários que possam apoiar grupos que precisem de assessoria técnica, como advogados, arquitetos, engenheiros etc.

Preparação do encontro: O que você precisa antecipar

Expediente

Roteiro formativo – Trilha de Saberes da Revista Casa Comum

Realização:
Sefras - Ação Social Franciscana

Diretor-presidente
Frei Vagner Sassi

Coordenação geral da revista:
Fábio José Garcia Paes

Projeto e coordenação editorial:
Estúdio Cais - Projetos de Interesse Público
www.estudiocais.com.br

Parceiro institucional:
ABPEducom (Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação)
www.abpeducom.org.br

Parceiro para impressão e disseminação:
PAULUS Social

Criação do roteiro:
Mauricio Virgulino – ABPEducom

Daniele Próspero – Estúdio Cais - Projetos de Interesse Público

Revisão:
Marta Pachiella Martinez e Rodrigo Bueno

Projeto gráfico e diagramação:
Estúdio Oto

Ilustradora:
Marcela Weigert

Contato:

Endereço de correspondência:
Rua Rodrigues dos Santos, 831, Brás São Paulo/SP - CEP: 03009-010

Para contato com a redação:
contato@revistacasacomum.com.br

Site:
www.revistacasacomum.com.br



[@RevistaCasaComum](https://www.instagram.com/RevistaCasaComum)

- Promover mutirões para construção de moradias para quem não tem ou mora precariamente ou ajudar a reconstruir espaços abandonados.
- Realizar encontros sobre a realidade da moradia, promovendo o entendimento da moradia como direito e não como uma mercadoria.
- Organizar encontros para apresentar às comunidades as políticas públicas e programas governamentais existentes sobre moradia e ajudar as famílias a fazer os devidos cadastros.
- Conhecer e incidir para que, nos planos de governo dos candidatos em 2026, sejam apresentadas propostas para o enfrentamento do déficit da moradia pelas prefeituras.
- Acompanhar e pressionar os(as) vereadores(as) para que proponham, acompanhem e fiscalizem as políticas públicas de moradia nos bairros, bem como aprovelem orçamentos a serem destinados a essas ações.

Depois de um tempo oportuno, peça para que cada grupo apresente sua ideia aos demais, podendo o grupo todo de participantes fazer comentários e sugestões de aprimoramento.

3. Encerramento

Como encaminhamento final, retome os conceitos e ideias desenvolvidos nos encontros desta trilha *Casa: território de direitos e sentidos*, pedindo para cada participante escrever em folha ou filipeta de papel a sua percepção sobre o direito à moradia. Busque uma forma de dispor os materiais como se formassem telhas que serão colocadas em uma moldura (pode ser feita de madeira, varetas de pipa ou outros materiais) compondo uma estrutura que cubra a casa fictícia.

Fica a dica da Revista Casa Comum!

Conheça as edições da Revista Casa Comum que trazem novos debates e discussões sobre o direito à cidade, ao Bem Viver, ao cuidado com a Casa Comum e diversos outros temas que aprofundam os debates dessa edição sobre moradia:



Disponível em: bit.ly/RCC_13_069



Disponível em: bit.ly/RCC_13_070

Realização



Coordenação editorial



Parceria especial



Apoio



PAULUS SOCIAL



ABPEducom